

**Azar, casualidade
ou consequência?**



Não, não é um acaso, uma mera casualidade, um azar... A pandemia do coronavírus é consequência das formas com que nos relacionamos com a natureza. E, vale dizer, nos relacionamos mal com ela...

Confinamos bois, vacas, porcos, galinhas e patos em pequenos ou grandes espaços, em condições muito precárias, só para matá-los e devorá-los. Mas não queremos ver um galpão iluminado por fortes luzes de halogênio, com milhares de galinhas tentando sobreviver em espaços mínimos, apertadas umas contra as outras, sem penas, cheias de feridas e piolhos, pisoteando outras galinhas mortas em decomposição e cacarejando em sofrimento constante, o que queremos é ir ao supermercado mais próximo e comprar um frango numa bandeja asséptica.

Arrancamos barbatanas de tubarão, chifres de rinocerontes, presas de elefantes, escamas de pangolins... mas não queremos ver os animais engaiolados nos mercados chineses, nem saber que essas espécies são abandonadas para morrer sangrando... Jogamos milhões de toneladas de lixo no mar, mas queremos praias limpas, oceanos sem golfinhos entalados no plástico e sem garrafas boiando... Invadimos e destruimos florestas, savanas, campos e mares. Ignoramos o potencial que essas paisagens tem e desprezamos o conjunto de serviços que a natureza nos brinda gratuitamente e que garante um

ambiente convidativo para a nossa espécie nesse planeta. Mas não queremos enfrentar as consequências disso.

Mas é justamente dessas relações, com as quais a gente compactua no nosso dia-a-dia, temperadas com a cobiça humana, organizadas sob forma de um regime político-econômico, que nasceram muitas das pandemias que aterrorizaram nossa espécie e também essa que nos prende em casa hoje.

Essa não é a primeira vez que uma pandemia assola a humanidade, houve várias que mataram milhões de pessoas na antiguidade e na idade média. E até hoje, seguem matando. No século 20, o mundo enfrentou a gripe espanhola, entre 1918 e 1920, que dizem que matou algo em torno de 30 a 50 milhões de pessoas e depois, ao longo do século, várias outras epidemias atingiram nossa espécie deixando milhares de mortos. Já nesse século, houve a epidemia de SARS em 2003 e diversos surtos de ebola e de outras doenças virais, como a dengue e a zika.

Vale dizer que todo vírus que circula na natureza precisa de um outro ser vivo para se reproduzir. É usando o maquinário da célula de outro organismo que o vírus se multiplica e conseqüentemente se espalha. Os vírus também se transformam ao longo do tempo, e assim se torna possível, se instalar em novos hospedeiros onde suas versões anteriores não conseguiam.

A questão é que nossas relações com a natureza podem ajudar nesse processo. Se destruirmos florestas, savanas e outros ecossistemas, se promovemos a transformação do clima, os animais são obrigados a viver em outros lugares e o resultado é que animais que nunca se encontraram antes, passam a conviver. Assim, o trânsito dos vírus também se torna mais provável.

Além disso, ao longo do tempo, nossas relações com a natureza foram se transformando e nos últimos 100 anos, foram se convertendo numa saga de predação: sofisticamos nossas maneiras de matar os animais que usamos na alimentação humana, multiplicamos, confinamos e abatemos mais e mais. Ampliamos nossas modificações no ambiente natural: desmatamos mais florestas; convertemos mais savanas em campos de agricultura e pecuária; poluímos solos, águas e mares; e estamos mudando o clima do planeta. Espécies que viviam no meio da floresta ou nas profundezas da savana são encontradas em áreas urbanas ou perto das cidades, em contato com animais domésticos ou com aqueles criados para o abate.

Além disso, nossa espécie se multiplicou, ocupa hoje virtualmente toda Terra e faz isso com vastas populações, de milhões de pessoas concentradas em pequenos espaços. Isso tudo organizado em sistemas econômicos tão predatórios que, além de causarem grande

estrago aos ambientes naturais do planeta, impedem que os frutos da agricultura e da pecuária cheguem a todos que precisam de comida. Assim, muitas vezes, milhões de pessoas têm que apelar para estratégias diversas para garantir sua subsistência e algumas delas têm relação com a destruição dos ambientes e com o tráfico e abate de animais selvagens. Exemplos disso são os traficantes de presas de elefantes, barbatanas de tubarão, chifres de rinoceronte, papagaios, peixes ornamentais mas também os criadores de diversas espécies silvestres que alimentam, por um lado, gente faminta e, por outro, um comércio de itens exclusivos, para restaurantes caros e clientes ricos.

Nesse cenário, uma nova pandemia pode estar a nossa espreita a qualquer momento. A Organização Mundial da Saúde já considera esse mundo, onde há cada vez mais surtos de doenças mortais como o ‘novo normal’. Isso pode acontecer bem aqui, no Brasil mesmo. Estima-se que haja mais de 3 mil coronavírus nos morcegos brasileiros e inúmeros outros vírus em animais como bois, vacas, cabras e porcos. A mistura de tudo isso na Amazônia, tendo como pano de fundo uma paisagem degradada, pode se configurar no gatilho perfeito para uma nova pandemia global.

Vale lembrar que outras doenças encontram na destruição ambiental seu estopim. Os surtos de ebola estão ligados à conversão de

áreas de floresta em monoculturas e surgem repetidamente em várias regiões da África. A Amazônia enfrenta seguidamente epidemias de malária e de leishmaniose, doenças cujo vínculo com o desmatamento está bem estabelecido: é possível relacionar número de hectares desmatados com o aumento do número de casos dessas doenças.

Mas isso não parece comover, nem mover ninguém. A destruição da Amazônia se acelera a cada minuto: enquanto vivemos essa crise de saúde, as atividades predatórias só aumentam por lá, numa combinação explosiva de contaminação dos povos da floresta com o novo coronavírus, de aumento escandaloso do desmatamento e da grilagem e da criação de condições para o surgimento de novas doenças.

Quando desistimos das florestas, das savanas, do mares, estamos desistindo de nós mesmos. Quando falhamos em nos perceber como parte da natureza; quando apostamos todas nossas fichas numa tecnologia, que frequentemente se inspira na natureza que não hesitamos em destruir; quando achamos que é normal que alguns poucos humanos devam todo o planeta, enquanto os outros tem a alma devorada cotidianamente para garantir sua subsistência, descobrimos que restou pouco a que chamar de humanidade.

Sabemos de tudo isso e sabemos há muito tempo... A pergunta agora que nos atormenta

é o quanto aprenderemos com essa pandemia e o quanto nossas relações com a natureza se transformarão...

Há quem diga que o mundo, depois dessa pandemia, nunca mais será o mesmo... para o bem e para o mal. Mas, não se trata apenas de entender que vivemos um momento extraordinário e que isso é uma “janela de oportunidade”, como se costuma dizer. Para que haja mudanças de fato é preciso entrar seriamente na disputa do imaginário de futuro e desenhar outros caminhos, concretos, tangíveis, onde as pessoas possam se enxergar. Mas, esse talvez seja um dos maiores empecilhos para um novo mundo. Estamos tão convencidos que só existe um jeito certo de viver, que sequer conseguimos imaginar outras formas de estar no mundo. Esse pretense jeito certo de viver colonizou nosso imaginário a tal ponto que sequer vislumbramos outros mundos possíveis.

A tradução é que, enquanto nos debatemos com a ideia de que o presente é uma máquina de fazer futuros, já se desenha um futuro sem floresta, sem natureza, com mais doenças, mais desigualdades e com menos oportunidades. Quem sabe que inspirações a exuberância da floresta poderia trazer à humanidade? Quem sabe que mundo poderia emergir dessa pandemia se não estivéssemos todos já irremediavelmente imersos em um presente sem horizontes?

O mundo só pode se transformar com muito esforço, assim, talvez, mesmo esse momento tão extraordinário não seja um gatilho suficiente para mudança. Nosso comportamento carrega um gigantesco componente inercial, o que torna as mudanças rápidas improváveis. O presente é uma máquina de fazer futuros, mas o presente também é um reflexo do passado, onde ele foi talhado como futuro. Se não nos lançarmos nessa aventura de buscar uma nova possibilidade de mundo, disputando o futuro pós pandêmico até as últimas consequências, não haverá outro mundo possível, o presente delineará um futuro com mais do mesmo e saberemos que como espécie, perdemos.